

Romarias a lugares sagrados no sertão da Bahia: leituras e memórias em Monte Santo

Raimundo Pinheiro Venancio Filho¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v13i38.54656>

Resumo: O presente artigo é um recorte da pesquisa de Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social da Universidade Católica do Salvador, que resultou na Dissertação intitulada “O sagrado e o profano no sertão da Bahia: a religiosidade em Monte Santo”, defendida por mim em 2014. Este trabalho analisa as romarias ao Santuário da Santa Cruz, o mais antigo no Brasil que representa a Via Crucis de Jesus, desde o seu surgimento em 1785, na Serra do Piquaraçá na cidade de Monte Santo na Bahia. Estuda a dinâmica local e a mudança de visão de ritualização, presente em Monte Santo nos últimos anos, fato que está promovendo o enfraquecimento da configuração original da religiosidade local. A Via Crucis de Monte Santo começou a ser construída sob a supervisão direta do Frei Apolônio de Todi. O monte foi marcado por cruzeiros que posteriormente foram substituídas por pequenas capelas. Outras duas capelas maiores, foram acrescentadas ao santuário representando os Santos Passos de Cristo e as Dores de Nossa Senhora e no cume do monte foi construída uma igreja dedicada à Santa Cruz. No Sertão do Estado da Bahia, as práticas do catolicismo popular são encontradas em diversas cidades, vilarejos ou mesmo no campo, destacando-se Monte Santo, para onde acorrem as romarias ao Santuário da Santa Cruz.

Palavras-chave: Romarias, sagrado, capuchinhos, santuários.

Pilgrimages to sacred places in the hinterland of Bahia: readings and memories in Monte Santo

Abstract: This article is an excerpt from the Master's research in Territorial Planning and Social Development at the Catholic University of Salvador, which resulted in the Dissertation entitled “The sacred and the profane in the hinterland of Bahia: religiosity in Monte Santo”, defended by me in 2014. This work analyzes the pilgrimages to the Santa Cruz Sanctuary, the oldest in Brazil that represents the Via Crucis de Jesus, since its appearance in 1785, in the Serra do Piquaraçá in the city of Monte Santo in Bahia. It studies the local dynamics and the change in vision of ritualization, present in Monte Santo in recent years, a fact that is promoting the weakening of the original configuration

¹ Doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social. Universidade Católica do Salvador - UCSAL. E-mail: raigeografia@hotmail.com.

of local religiosity. Via Crucis de Monte Santo began to be built under the direct supervision of Friar Apolônio de Todi. The hill was marked by crosses that were later replaced by small chapels. Another two larger chapels were added to the sanctuary representing the Holy Passes of Christ and the Sorrows of Our Lady and a church dedicated to the Holy Cross was built on the top of the hill. In the Hinterland of the State of Bahia, popular Catholicism practices are found in several cities, villages or even in the countryside, especially Monte Santo, where pilgrimages to the Santa Cruz Sanctuary take place.

Keywords: pilgrimages, sacred, capuchins, sanctuaries.

Peregrinaciones a lugares sagrados en el interior de Bahía: lecturas y recuerdos en Monte Santo

Resumen: Este artículo es un extracto de la investigación del Máster en Planificación Territorial y Desarrollo Social en la Universidad Católica de Salvador, que resultó en la disertación titulada "Lo sagrado y lo profano en el interior de Bahía: religiosidad en Monte Santo", defendida por mí en 2014. Este trabajo analiza las peregrinaciones al Santuario de Santa Cruz, el más antiguo de Brasil que representa el Vía Crucis de Jesús, desde su aparición en 1785, en la Serra do Piquaraçá en la ciudad de Monte Santo en Bahía. Estudia la dinámica local y el cambio en la visión de la ritualización, presente en Monte Santo en los últimos años, un hecho que promueve el debilitamiento de la configuración original de la religiosidad local. Vía Crucis de Monte Santo comenzó a construirse bajo la supervisión directa de Fray Apolônio de Todi. La colina estaba marcada por cruces que luego fueron reemplazadas por pequeñas capillas. Se agregaron otras dos capillas más grandes al santuario que representan los Pasos Sagrados de Cristo y los Dolores de Nuestra Señora y se construyó una iglesia dedicada a la Santa Cruz en la cima de la colina. En el interior del estado de Bahía, las prácticas populares de catolicismo se encuentran en varias ciudades, pueblos o incluso en el campo, especialmente en Monte Santo, donde tienen lugar peregrinaciones al Santuario de Santa Cruz.

Palabras clave: peregrinaciones, sagrados, capuchinos, santuarios.

Recebido em 06/07/2020 - Aprovado em 12/08/2020

Introdução

A via-sacra dos sertões, macadamizada de quartzito alvíssimo, por onde tem passado multidões sem conta em um século de romarias. A religiosidade ingênua dos matutos ali talhou, em milhares de degraus, coleante, em caracol pelas ladeiras sucessivas, aquela vereda branca de sílica, longa de mais de dois quilômetros, como se construísse uma escada para os céus (CUNHA, 1963, p. 112).

As cidades que temporariamente assumem a função religiosa, exigem acréscimo de atividades que precisam ser analisadas. O papel do fiel e a sua permanência temporária no lugar tido como sagrado, promovem uma reorganização dos seus espaços nos períodos de peregrinação ou romaria.

Para Rosendahl (2012), a romaria faz parte da prática religiosa de muitos fiéis da Igreja Católica. A visita periódica a lugares de peregrinação caracteriza-se por uma demonstração de devoção. “Essa visita é feita a um lugar e vem acompanhada de comportamento religioso de pedir graças ou agradecer por uma graça obtida” (ROSENDAHL, 2012. p. 38). Ainda segundo a autora, as romarias feitas nas cidades, - que possuem tradição religiosa -, são

uma demonstração de fé que adquire uma nítida espacialidade, pois envolve o deslocamento de um lugar a outro, deslocamento este que em muitos casos é marcado por uma periodicidade regular. Envolve assim, espaço e tempo, fixos (os lugares sagrados) e fluxos (a peregrinação). As peregrinações constituem um fenômeno notável comum à maioria das religiões, inserindo-se assim em diversos contextos culturais.

A dimensão desses eventos pode ser entendida, a partir da análise, feita por Fernandes (1982) que retratou as romarias à Pirapora, Minas Gerais:

A romaria faz no espaço o que a mística realiza no tempo, ultrapassando ambos os limites do profano e aproximando o devoto do domínio do sagrado. Enquanto a viagem mística se manifesta por uma série de transformações psicológicas, a romaria expressa o mistério de uma forma objetiva, conduzindo as pessoas por uma viagem no sentido literal, onde é a paisagem que se transforma. Tem por isso as atrações de uma aventura, cujo fim, no entanto, é predefinido, fechado ao viajante o fascínio da estrada e impondo-lhe o reconhecimento de um destino que tem para ele uma significação interior (FERNANDES, 1982, p. 43).

O que atrai os romeiros aos santuários, segundo Castro (2008) é a busca da proximidade com o sagrado para que o crente se sinta mais fortalecido na sua fé podendo, assim, conseguir alcançar os resultados dos seus pedidos, quer espirituais, materiais, pessoais, quer individuais, familiares ou coletivos.

A chegada dos capuchinhos italianos no Nordeste do Brasil representou um grande acontecimento no final do século XVIII. A proposta de levar o cristianismo aos rincões mais distantes, acolhia os mais pobres e humildes que, juntos, realizavam diversos serviços nas comunidades.

A passagem de frei Apolônio de Todi², no sertão da Bahia nesse século, fez com que a fé se fortalecesse, principalmente com a ocorrência de um milagre durante a procissão que o mesmo organizou na serra do Piquaraçá para colocar cruzeiros no caminho que passou a ser considerado sagrado e transformou-se em Monte Santo. Ali, no lugar das cruzeiros, nasceu o Santuário da Santa Cruz.

No Estado da Bahia, principalmente no sertão, os festejos religiosos têm um destaque importante. Em Monte Santo, esses festejos atraem anualmente muitos visitantes. São milhares de pessoas que se deslocam a partir de diversos lugares da Bahia e do Brasil, como por exemplo, de Salvador, Feira de Santana, Amargosa, Senhor do Bonfim, e de Estados como Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Alagoas e Pernambuco. São atraídos pelo simbolismo, criado a mais de 230 anos, do Santuário da Santa Cruz. O local que é considerado, ainda hoje, como sagrado por conta de todo seu histórico, está relacionado a milagres e graças alcançadas, relatadas, comprovadas ou não, por aqueles que o visitam (Fig. 1).

² Capuchinho italiano que implantou as Santas Missões na região de Monte Santo e fundou o Santuário da Santa Cruz. nasceu em Ripaioli, vizinho a comuna de Todi, na região da Úmbria, a 23 de janeiro de 1747. Seu nome de batismo, Pedro Paulo em referência aos dois grandes apóstolos do cristianismo, poderia indicar o roteiro, que o religioso traçaria, ao longo de sua vida, pois percorreu quase todo o território dos atuais estados da Bahia e Sergipe, “espraiando o reino de Deus” no dizer de Regni (1988, p. 271-272).



Fig. 1– Caminho do Santuário da Santa Cruz

Foto: Raimundo Pinheiro, 2012

Os livros que registram as visitas ao Santuário da Santa Cruz, - disponíveis na Secretaria da Paróquia -, trazem depoimentos, inúmeros pedidos e agradecimentos por graças alcançadas, de visitantes de diversas partes do Estado e do País. Desde 1883, esses livros registram, tanto a origem dos visitantes, quanto promessas feitas e graças alcançadas demonstrando assim, o quanto a romaria é importante para os fiéis advindos de diversos destinos. Eles demonstram que famílias inteiras subiram o Monte, assim como turmas de estudantes, entre os vários tipos de visitantes. Muitas demonstrações de devoção são expressas, não apenas pela população rural e pobre, mas também por médicos, intendentos, estudantes, professores, artistas e militares, dentre outros. Entre estes últimos, encontram-se, desde o soldado raso ou praça a oficiais, certificados nas páginas de um Livro de Visitas, num dos quais, de 1886, está reproduzida abaixo (Fig.2) ³. Alguns, como os que assinaram o documento ilustrativo, marcaram sua visita ao Santuário, antes do enfrentamento, no dia 29 de dezembro, contra Antônio Conselheiro, no conflito de Canudos.

³ A segunda expedição, encarregada de enfrentar Antônio Conselheiro, continha mais de 600 militares, composta por militares do 9º Batalhão de Infantaria, do Exército da Bahia, e outros de Alagoas, Sergipe, médico, farmacêutico e enfermeiro, com dez oficiais, sob o comando de Febrônio de Brito (HISTÓRIA, s.d.).

A 23 de Dezembro de 1896, visitamos a Santa
Cruz
Oficiais do Regim. Policial em operação com
o fanatismo - Antonio Conselheiro -
Cor. Gaudêncio Pereira de Barros.
Cpt. Reginio Peres - L. da Silva
Coronel Henrique de Oliveira Leal
Major Polycarpo Brito da Costa.
Mey. Manoel Mendes de Almeida.
Brigada José Simão de Almeida

Fig. 2 – Registro no Livro de Visitas do Santuário de 1896

Foto: Raimundo Pinheiro, jun. 2013

O caminho é ornado por vinte e cinco capelas e o percurso é de 1.969 metros, do pé do Monte ao Santuário. É formado por uma escadaria de pedra bruta, seguida por degraus irregulares, feitos de acordo com a própria configuração da serra, existindo alguns trechos, já bastante desgastados em virtude da grande movimentação de peregrinos, que visitam diariamente o Santuário. A largura, obedecendo às características das elevações do sertão, é variável, medindo de 2,20m em seu início alcançando, em alguns trechos 4,50m.

Na obra *Os sertões*, publicada em 1902 por Euclides da Cunha (1963), encontra-se a descrição da fé do sertanejo, vivenciada pelo escritor, bem como notícias sobre o surgimento do Santuário em Monte Santo em 1785. É no sertão que os peregrinos transformam o ato religioso numa festividade de destaque, em povoados, vilas ou cidades, que a memória social e coletiva mantém viva.

Passados mais de duzentos anos de criação do Santuário da Santa Cruz, a peregrinação e a busca por milagres são recorrentes, especialmente nas datas que se consolidaram como períodos convenientes para sua realização. A programação da viagem, o deslocamento, a estadia, os momentos de fé e modos de pagar uma promessa do fiel, fazem com que outro tempo, diferente do seu cotidiano, seja vivido.

Monte Santo está incluída no conceito de cidades-santuários, de Rosendahl (2003), possuindo uma característica espiritual predominante, marcadas por práticas sazonais de deslocamento de pessoas a lugares sagrados. As romarias acontecem duas

vezes por ano, coincidindo uma das datas, em outubro-novembro, seguida pelos dias de festividades em comemoração à fundação do Santuário. A outra acontece em dias variáveis, de acordo com as festividades da Semana Santa, que não é uma comemoração com data fixa.

Surgimento das romarias

As romarias foram introduzidas no Brasil pelos conquistadores portugueses, - que traziam da Europa uma tradição recorrente desde a antiguidade cristã, representada pelo catolicismo romano, religião oficial do Reino português, ao qual o Brasil pertenceu, até os princípios do século XIX. As manifestações populares surgiram, e se fortaleceram, ou não, de acordo com as imposições da Igreja de Roma, mas especialmente dos reis portugueses, por administrarem as coisas da Igreja, como Grão-Mestre da Ordem de Cristo, por força do Padroado⁴. O Brasil fez parte de todo um programa de expansão da religião Católica Apostólica Romana, disseminada a partir do movimento de Contrarreforma Católica, dos meados do século XVI, iniciando o processo com a chegada dos jesuítas e, logo de imediato, de outras ordens religiosas.

As festas religiosas em comemoração aos santos, sempre foram um exemplo de encontro do modelo oficial com o popular⁵, da mesma forma como acontecia com as procissões e romarias. Os rituais eram variados, porém, admitidos com cautela por parte pela Igreja, que utilizava dessas práticas como uma forma de administrar o seu território religioso, já que, em muitos lugares, as manifestações do catolicismo popular se adaptavam à liturgia oficial. Flexor (2009) lembrou que a população baiana aceitou os dogmas e práticas cristãs sem discussões.

O catolicismo foi influenciado pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, de 1707. Enquanto não fossem feitas as Constituições baianas, obedecia-se às Constituições de Lisboa, do século XVI. Exemplo disso foram as ameaças prometidas

⁴ O Padroado era um acordo entre o Papa e os Reis católicos em que o Papa delegou aos Reis de Portugal, a administração das atividades religiosas de seus domínios. O Padroado foi instituído no início da expansão marítima portuguesa, nos meados do século XV, e foi confirmado pelo Papa Leão X, em 1514, vigorando até o século XIX, nos territórios lusos (GONÇALVES, 2014).

⁵ Entre a fundação da cidade da Bahia (Salvador) e 1707, o Brasil obedecia as normas impostas pelo Concílio de Trento, sob a forma de Constituições dos bispados e arcebispados portugueses. O Brasil, até o ano citado, obedeceu às Constituições de Lisboa. A partir de então foram publicadas as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, que normatizou, não só as ações da Igreja, mas o próprio comportamento e vida social da população. Em alguns casos, as Constituições, promulgadas pelo arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide, mantiveram práticas religiosas que foram popularizadas nos séculos anteriores, criando manifestações com características adaptadas pela população, que deram origem a uma prática popular, aceitável pela igreja oficial (FLEXOR, 2009, p.14).

nos compromissos das diversas irmandades, punindo quem não aparecesse aos atos públicos ou não se comportasse devidamente (FLEXOR, 2009, p. 10). Em relação às punições e limitações impostas pelas Constituições, Flexor observou que,

além das penas pecuniárias, de prisão, excomunhão, as Constituições prometiam severos castigos a quem blasfemasse contra Cristo e sua Mãe, como o degredo. E sendo plebeu, por não ter como pagar a pena pecuniária, ‘pela primeira vez estará um dia inteiro em corpo com as mãos atadas, e com uma mordaza na boca á porta da Igreja da parte de fora; pela Segunda será açoutado sem efusão de sangue; e na terceira será mais gravemente castigado, e condenado ao degredo para galés, pelo tempo que parecer’ e os religiosos com a perda das dignidades e prisão (FLEXOR, 2009, p. 10).

Ainda hoje a manifestação do catolicismo popular se mantém viva, - muitas vezes resguardando normas tão antigas quanto as das Constituições acima citadas -, o que é de suma importância para a reprodução das relações sociais das classes menos favorecidas, localizadas, na sua maioria, em zonas rurais e periferias das cidades. Vale ressaltar que essas comunidades continuaram a obedecer, de maneira conformista, às práticas impostas secularmente, só que de maneira mais simples, por causa de sua condição socioeconômica e da familiaridade criada com o divino. Tudo está na mão de Deus. “Deus quis assim”, é uma expressão constante, criada pela prática conformista. E isso permanece até hoje.

Uma das maiores devoções populares de Portugal, imposta pelo Concílio tridentino, foi a Santíssima Trindade, com foco maior na Paixão de Cristo, seguida por Nossa Senhora da Conceição. No período embrionário do Brasil, os missionários foram alguns dos responsáveis por implantar, de forma estratégica, os rituais que envolviam as devoções portuguesas.

Com a expulsão dos jesuítas em 1759 e a retirada dos religiosos regulares dos aldeamentos indígenas, houve a criação de muitas freguesias, nos lugares que não tinha população suficiente para a criação de uma vila, de acordo com o plano executado, decorrente do Tratado de Madrid, de 1750. Como componentes desse programa, os capuchinhos foram convocados.

De acordo com Silva (SILVA, 1982, p. 37), as Missões dos capuchinhos substituíram esses antigos missionários nas ações junto às povoações que possuísem

igrejas ou capelas. Eles alcançavam, no máximo, a alma dos sertanejos. “Os missionários tinham uma expressão dramática, geradora de fortes emoções, de decisões intempestivas e generosidades imprevisíveis”, afirmou o autor. As populações humildes rurais eram, por eles escolhidas, para serem alimentadas por uma cultura oral que representava a boa nova no sertão. Ainda, segundo o mesmo autor,

no sertão nordestino as ‘Santas Missões’ aconteciam quando missionários apareciam para reunir as ovelhas desgarradas, para as emoções do crisma, para purgar os pecados da vida rude, isolada, sem assistência religiosa, para congregar gente de longa distância. As ‘santas missões’ invocavam o temor do inferno, voltavam-se contra os pecados individuais que contrariavam os Dez Mandamentos (SILVA, 1982, p. 38).

Na missão do capuchinho italiano Frei Apolônio de Todi, ele próprio fez construir o Santuário da Santa Cruz inspirado na cultura portuguesa, ressaltando as demonstrações do sofrimento de Jesus Cristo, a caminho do Calvário, utilizando o alto da Serra do Piquaraçá em Monte Santo (Fig. 3). Flexor (2014) afirma que, no século XVIII, a rocha, o rochedo ou a roca, fizeram parte do cenário religioso em várias situações. Toda vida de Cristo está ligada a montes, como Gólgota ou Calvário, das Oliveiras, etc⁶.

⁶ A partir do Concílio de Trento, vários montes, reproduzindo a vida de Cristo, foram recriados na Europa e mesmo na América, como o caso de Congonhas do Campos, em Minas Gerais, para que todos tivessem oportunidade de visitar um deles, já que não podiam ir para a Terra Santa.



Fig. 3 – Serra do Piquaraçá em Monte Santo/ Bahia

Fonte: Prefeitura de Monte Santo, 2010.

O Santuário da Santa Cruz é composto por uma capela principal denominada Capela do Calvário ou Igreja da Santa Cruz, localizada na parte mais elevada da serra. É composta pela capela-mor, nave retangular, com bancos ocupando parte do seu corpo e sala dos milagres. De acordo com o IPAC (1999, p. 178) o curioso nesse santuário são os retábulos em estuque, existentes na Capela do Calvário e na Capela de Nossa Senhora das Dores.

Junto ao Santuário estão duas outras capelas maiores, a do Senhor dos Passos com altar e nicho central e a de Nossa Senhora das Dores com uma pequena nave, - ocupando o caminho, o que obriga os fiéis a seguirem por seu interior -, com mesa de altar e nicho.

Somente essas três capelas maiores do Santuário possuem imagens de roca, ocupando lugar de destaque nos altares. O restante do percurso, caminho abaixo, é marcado por vinte e duas capelinhas, que possuem planta quadrada, recobertas por telhados de duas águas. No interior de cada capelinha há uma cruz e existia um painel pintado, representando uma cena do sofrimento de Maria, e da Paixão de Cristo (IPAC, 1999, p. 8-9).

As imagens se destacam nas capelas maiores do Santuário. A imagem do Senhor dos Passos, localizada na capela maior de mesmo nome, é de roca, em madeira, com cabeça, mãos e pés esculpidos, encarnados e pintados e uma cruz de madeira, com as duas partes encaixadas e fixadas com pregos. A imagem tem olhos de vidro e cabeleira natural. Passou por várias restaurações nas últimas décadas. “Representa, junto com

outras imagens desse tipo, as cenas da Paixão na Semana Santa. Aqui está representada a síntese das quedas do Cristo a caminho do Calvário” (IPHAN, 1995, p.35).

A imagem de Nossa Senhora das Dores, que se encontra na capela maior de mesmo nome, também é de roca, em madeira policromada, tronco e braços em escultura simplificada, com braços articulados e mãos semi-abertas. Os olhos são de vidro e cabeleira natural. É recoberta por tecido azul.

Teve larga divulgação no século XIX. Origem nos setecentos, mas esteve mais presente neste século, especialmente nas procissões da Semana Santa, em que a teatralidade dava ênfase ao sacrifício de Cristo, se procurou despertar a fé na população. Esta invocação está associada à imensa solidão de Maria ao perder seu filho. A sua identificação se dá pelos braços cruzados trazendo nas mãos um lenço (IPHAN, 1995, p.37).

O Cristo Morto é uma imagem de vulto de madeira encarnada e pintada, do século XIX, quase de tamanho natural, com articulação nos ombros em couro fixado com taxas que emprestam à imagem a dupla função de Cristo Morto e Crucificado. Mãos e pés possuem orifícios, próprios do Crucificado. Encontra-se na Capela do Calvário. A imagem de Cristo e de Nossa Senhora da Soledade sempre participaram das comemorações da Semana Santa.

Nossa Senhora da Soledade é uma imagem de roca em madeira, com as extremidades encarnadas e pintadas, do século XIX, com olhos de vidro e cabeleira natural, vestida em azul escuro. Está no altar da Capela do Calvário. “Esse tipo de imagem se prestava a movimentos coordenados, troca de vestes e cabelos, em gestos teatrais próprios a provocar piedade” (IPHAN, 1995, p.39).

São João Batista é uma imagem de roca, esculpida em madeira, armado em ripas fixadas na base, com cabeça, mãos e pés encarnados e pintados. Vestido em vermelho e verde, se encontra no altar da Capela do Calvário. É utilizada nas procissões da Semana Santa.

No Santuário, as imagens e os rituais nutrem a vida dos visitantes de todos os lugares, principalmente nos festejos periódicos. Dessa forma, o catolicismo popular é revivido e renovado todos os anos pelos milhares de frequentadores.

Desejar viver num ambiente sagrado faz com que o homem religioso materialize o seu mundo santificado na construção do espaço. Elíade dizia, em 1959, que as técnicas de construção iam além do trabalho humano. “O ritual pelo qual o homem constrói um

espaço sagrado é eficiente à medida que ele reproduz a obra dos deuses” (ELIADE, 2012, p. 32).

De forma estratégica, a intenção de frei Apolônio de Todi era eternizar a prática de adoração às cruzes, subir o monte, como forma de sacrifício, similar ao de Jesus Cristo. Esse ritual começou a ser feito pelos moradores e visitantes, no dia de Todos os Santos. Essa intenção foi concretizada, e ainda complementada pela comunidade local monte-santense que, além da véspera do dia de Todos os Santos, transformou a Semana Santa numa outra data de vivência, devoção e festa. Essa data sempre foi caracterizada pelo simbolismo que passou a envolver a veneração aos santos, adoração a Cristo do Santuário, e o deslocamento dos fiéis para a cidade para compor procissões com as suas imagens pelas ruas da cidade nesse período.

Festa da Semana Santa

A festa não se dá em data fixa, por ser uma das várias cerimônias religiosas que têm datas relacionadas à Páscoa⁷. As imagens do Santuário da Santa Cruz, que representam as cenas da Paixão e Morte de Jesus Cristo, são utilizadas nas procissões. Nesse período existe uma participação maior das comunidades rurais e moradores da sede do município do que de pessoas vindas de outras cidades.

Nas procissões é que se evidencia o máximo de fervor na fé católica da população. Na Sexta-Feira Santa, em Monte Santo, a multidão quer ver e tocar as imagens do Senhor Morto, Nossa Senhora da Soledade e São João Batista, cujas imagens são conduzidas na descida do caminho da Via Sacra, carregadas pelos irmãos, da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Santa Cruz, acompanhadas pelo povo, em direção da Igreja Matriz, da cidade. Nessa Matriz, as imagens de Nossa Senhora das Dores e do Senhor dos Passos, também do Santuário, levadas com antecipação, esperam para acompanharem a grande procissão da Sexta-feira Santa.

As procissões da Semana Santa são iniciadas desde a sexta-feira anterior, em homenagem a Nossa Senhora das Dores, cuja imagem é levada da capela, localizada no Santuário para a Igreja Matriz. Na Quarta-feira da Semana Santa se faz a procissão do Senhor dos Passos, que se inicia na capela que leva o mesmo nome, no Santuário da

⁷ Os feriados da Igreja Católica são calculados a partir da data da Páscoa, menos o Natal. O domingo da Páscoa coincide, mais ou menos, com o primeiro domingo após a lua cheia, a partir do equinócio da primavera, no hemisfério norte ou o equinócio do outono no hemisfério sul. A Semana Santa antecede, imediatamente, à Páscoa. A terça-feira de Carnaval é marcada contando-se 47 dias que precedem à Páscoa. O Concílio de Niceia, em 325 d.C., definiu a data da Páscoa por uma lua, imaginária, a Lua Eclesiástica, o que permitiu estabelecer uma tabela não real da lua cheia, mas que regulamenta as festas, chamada Tabela Eclesiástica, até o presente (USP. Astronomia, 2014).

Santa Cruz, percorrendo diversas ruas da cidade. Nesse deslocamento, são feitas paradas em algumas residências, que preparam pequenos altares nas calçadas, representando a Via Sacra de Cristo⁸. No final da procissão, a imagem é levada até a Igreja Matriz.

Na Quinta-feira Santa, após a tradicional cerimônia do “Lava-pés”, é efetuada a Procissão do Encontro (Fig. 4), quando componentes da Irmandade carregam a imagem do Senhor dos Passos e as irmãs, da mesma Irmandade, transportam a imagem de Nossa Senhora das Dores, por diferentes percursos partindo da Matriz. No início da Rua Senhor dos Passos, se juntam as duas procissões, - e se dá o encontro da Mãe com o Filho carregando a cruz. É feito, então, o “Sermão do Encontro” pelo pároco local e o “Canto da Verônica” é apresentado, por uma jovem escolhida pela Pastoral da Criança ou da Pastoral da Juventude Rural.



Fig. 4 – Procissão do Senhor dos Passos

Foto: Raimundo Pinheiro, abr. 2014

⁸ Em Salvador se armavam sete cenas da Paixão de Cristo, com imagens de vestir, em alguns lugares estratégicos da cidade, para que os fiéis, que acompanhassem a procissão do Senhor Morto, parassem e fizessem suas orações (FLEXOR,2014).

Na Sexta-Feira Santa a população é acordada de madrugada, pelas 4 horas, ao som de matracas para participar da alvorada. Cobertos com túnicas vermelhas, os homens da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Santa Cruz se concentram na Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus para, em seguida, encabeçarem a procissão, empunhando uma cruz de tamanho grande rumo ao Santuário. O silêncio do caminho é cortado por rezas e cantos daqueles que seguem a irmandade. A lenta caminhada, de quase uma hora, é penosa para velhos, crianças e turistas, mas facilmente suportada por homens e mulheres, que atravessam estradas e caatingas distantes, a pé, até chegar a Monte Santo.

Os pagadores de promessas misturam-se aos demais fiéis, curiosos e a população local. Alguns se vestem com túnicas brancas para pagarem promessas, levam crucifixos ou terços nas mãos, ex-votos e fogos para serem queimados durante o percurso até o Santuário. Ambulantes vendem água, refrigerante e lanches.

Muitas velas são acesas nas laterais externas e no interior das igrejas do Senhor dos Passos, de Nossa Senhora das Dores e na Capela do Calvário da Santa Cruz.

As ofertas dos fiéis sempre foram feitas aos santos ou às igrejas. No passado, peças como olhos, braços, peito, pés eram produzidos, em pequenas dimensões, em prata. Posteriormente predominou outros materiais, para serem depositados, nos altares das igrejas, ou lugares pré-estabelecidos, como pagamento de voto pelas graças alcançadas. No Santuário da Santa Cruz essas peças, ou ex-votos, passados por uma triagem, são deixados em um lugar específico, hoje chamado de Sala dos Milagres.

A Sala de Milagres encontram-se nas laterais e ao fundo do Santuário. No guia de bens tombados da Bahia (SOUZA, 1993, p. 116-117) há uma referência a esse local.

A coleção de ex-votos existente no santuário é formada de vários tipos, o maior número deles, entretanto, corresponde aos esculpidos em madeira. De extrema singeleza de forma, compreende peças de variados tamanhos, tipos de madeira – mulungu, umburana, aroeira, a maioria – e apresentam-se no formato de pernas, pés, braços, mãos, cabeças, seios, corações, por vezes corpos humanos inteiros, com notável simplificação anatômica. São inúmeras também as peças modeladas em barro, gesso e cera, além de algumas confeccionadas em tecidos.

No final da tarde é realizada a procissão do Senhor Morto, quando a imagem é conduzida, junto com a de Nossa Senhora da Soledade e a de São João Batista, por diversas ruas da cidade. No Sábado de Aleluia, na Matriz, é realizada uma missa à noite e

se dá a tradicional “queima do Judas”. A romaria termina no Domingo de Páscoa, com uma nova procissão percorrendo a Via Sacra, levando de volta as imagens, que estavam na Matriz, para as o Santuário, onde são colocadas novamente nos seus altares e respectivas capelas. À noite é realizada a missa em homenagem ao Cristo Ressuscitado.

A religiosidade dos devotos é ancestral e as manifestações se repetem há mais de dois séculos.

Festa de Todos os Santos

Essa festa acontece em 31 de outubro, véspera do Dia de Todos os Santos, data em que se comemora o dia da criação do Santuário da Santa Cruz, e quando ocorre o maior fluxo de visitantes à cidade.

A Irmandade do Santíssimo Sacramento e Santa Cruz, zeladora do Santuário, se encarrega de organizar os festejos religiosos da Festa de Todos os Santos. Os atos sagrados ficam a cargo do pároco local e daqueles religiosos enviados pela Diocese, localizada na cidade de Senhor do Bonfim. A Prefeitura, representada pela Secretaria de Infraestrutura e Turismo, dá apoio estratégico aos atos ligados à devoção, como a segurança no Santuário feita pela guarda municipal, o ordenamento dos vendedores ambulantes no entorno do Santuário e da Igreja Matriz, além da distribuição de mingau e água potável para os romeiros.

No pé da serra do Santuário e, também, perto da Igreja Matriz, existe comércio de produtos, não especificamente ligados ao sagrado, o qual é aquecido nas épocas das romarias.

Em outros locais, mais distantes o circuito considerado sagrado, o espaço profano se evidencia mais, ocupado por barracas de comidas e bebidas, além dos bares, acompanhados com som de veículos automotivos, sempre com volume excessivo, tocando as músicas da moda nas mídias, como rádio e TV.

Durante a romaria de Todos os Santos, este ambiente se apresenta de maneira mais evidente à medida que se afasta dos lugares sagrados, principalmente do Santuário da Santa Cruz. Entretanto, o comércio fixo e temporário, as diversas barracas e toda a caracterização desse novo espaço, dependem dos romeiros que protagonizam a data religiosa. Nesse sentido ao ver de Rosa (2007, p. 51), “o sagrado e o profano coexistem no mesmo espaço, sendo que no tempo sagrado não dá para definir com clareza onde termina um e começa outro”.

Atualmente, a cidade atrai anualmente, milhares de visitantes que buscam socorro espiritual. Esses visitantes sobem o caminho do Santuário, pagam suas promessas, renovam os votos feitos a seus santos e se envolvem com os atos da Igreja, como as missas e procissões. Esses romeiros são os protagonistas temporários do espaço

local, que apresentam a fé como principal característica. Com a crescente descaracterização da Festa, verifica-se que, além dos peregrinos, muitas pessoas se deslocam para a cidade com o intuito apenas de assistir às atrações musicais e frequentar os bares da cidade, caracterizando, assim, outro perfil de visitante, que remodela as manifestações da data que era, até então, considerada puramente sagrada.

Os verdadeiros devotos, participantes das romarias, na sua maioria são moradores das zonas rurais. Esses personagens têm um perfil humilde, e aparência de pessoas sofridas, que buscam auxílio divino para seus problemas, na falta de assistência, sobretudo do poder público leigo.

Ônibus fretados, ou oferecidos por políticos, caminhões pau-de-arara, - que apresentam grande perigo e nenhum conforto -, são os meios de transporte preferidos, utilizados para chegar à cidade. As pessoas, de melhores condições financeiras, utilizam automóvel próprio. Empresas de transportes intermunicipais oferecem também alternativas de deslocamento de diversas cidades, do estado ou de fora dele, para Monte Santo.

Os romeiros se organizam antecipadamente, tanto para arremeter os interessados no ato religioso, quanto às formas de deslocamento, pagamentos e até uniformização dos grupos. As camisetas, que os romeiros vestem, mostram que as viagens são organizadas por comunidades, com antecedência, e contando com programação prévia. Muitos afirmam que “ficam contando os dias”, para a viagem acontecer e para chegar ao Santuário da Santa Cruz, cujo protetor é evocado para protegê-los durante o percurso. Os cantos, que são entoados nos ônibus e caminhões, normalmente são em homenagem aos santos e à Divina Santa Cruz como é chamada.

Chegando à cidade no início da tarde, os ônibus e caminhões cumprem a tradição de dar três voltas ao redor da Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus, que é o primeiro local de contato do romeiro com o ambiente sagrado. Após esse ritual, o caminho do Santuário da Santa Cruz é o destino dos inúmeros peregrinos que só retornam no início da noite.

A devoção dos romeiros é expressa desde as suas vestimentas, pela parada e concentração em cada uma das vinte e cinco capelas, que compõem a Via Sacra, nas quais costumam acender velas e rezar em silêncio (Fig. 5). Alguns sobem o caminho íngreme de joelhos, e carregam cruzeiros nas costas, (Fig. 6).



Fig. 5 – Devota acendendo vela e rezando numa capela do caminho do Santuário

Foto: Rita Barreto, out. 2005.



Fig. 6 – Marceneiro Márcio Silva pagando promessa

Foto: montesanto.net, 2010

As missas são celebradas, no Santuário as 10:00h e na Igreja Matriz às 11:00, 16:00 e 19:00hs. A Igreja Matriz, datada do século XVIII, possui imagens de Nossa Senhora da Conceição, Sagrado Coração de Jesus, São José, São Pedro, Cristo Crucificado, Santana Mestra, São Miguel, Santo Antônio com Menino e São Miguel Arcanjo

O espaço físico, tanto no Santuário, como na Igreja Matriz não comporta a quantidade de pessoas que ocorre para a celebração. Depois de assistir missa e descer o Monte, os fiéis se concentram na Matriz, para assistir às celebrações e benzer objetos, trazidos na viagem ou comprados no comércio local. Nessa época, as ofertas são bastante variadas, concentrando, tanto vendas de objetos religiosos, quanto outro tipo de produtos, como comidas típicas e bebidas diversas, nas barracas e bares.

À noite, os mais fervorosos, que constituem a maioria, assistem às missas e buscam diversos locais improvisados na cidade, para dormir. Os mais festeiros se deslocam para a Praça de Eventos, localizada nas proximidades da Estação Rodoviária da cidade, e distante do espaço sagrado, para assistir aos *shows* das atrações nacionais, contratadas pela Prefeitura, para a festa profana.

As romarias mudam a cidade e transformam o cotidiano das pessoas e do lugar. A fé e devoção, dos milhares de visitantes, promovem, por algum tempo, uma remodelagem do espaço geográfico, confirmando o que Corrêa (1997, p. 280) já afirmava: o fato de que “os deslocamentos de pessoas fazem parte das interações espaciais que integram a reprodução e transformação social do espaço”. Ainda, segundo esse autor, a periodicidade das peregrinações, aos lugares sagrados, apresenta o tempo como um fator importante, tal como o espaço na lógica de deslocamento de pessoas. Segundo ele (CORRÊA, 1997, p. 295), “os diferentes fluxos (pessoas) que articulam os fixos (lugares) socialmente criados são caracterizados por lógicas espaço-temporais que se reportam a organização social e a seu desigual movimento de transformação”. E, no ver de Rosendahl (1996, p. 48), “os peregrinos, enquanto agentes modeladores nas cidades-santuário têm a importante tarefa simbólica de produzir e reproduzir o arranjo espacial urbano”.

A mobilidade, promovida pelos peregrinos, gera uma reconfiguração momentânea dos serviços, oferecidos na cidade, que se direciona ao atendimento às necessidades dos devotos ou outros fins. O comércio temporário dos barraqueiros é o que mais se destaca na cidade. A maioria desses barraqueiros é natural de outras localidades, pois o comércio monte-santense é ainda muito precário, quanto à variedade de produtos. Boa parte se posta nas principais praças da cidade, disputando espaços com os visitantes.

Os fiéis que não têm oportunidade de se hospedarem na Casa dos Romeiros, - alojamento da Igreja Católica - , e não tem condições financeiras para ficarem em outro lugar, têm pouca ou quase nenhuma opção de escolha. Isso é evidenciado pela quantidade de pessoas que repousam ou dormem nos ônibus ou em redes armadas nos caminhões paus-de-arara que os transportaram.

Por falta de opção para hospedagem dos muitos peregrinos, os moradores alugam quartos, “vendem banho”, transformam a casa em bar ou restaurante. O comércio de artigos religiosos, - como era de se esperar nas ocasiões da grande concorrência de fiéis peregrinos -, praticamente não existe, o que contraria a qualidade turística principal da cidade. As imagens de santos, e outros artigos tidos como religiosos, - como as fitinhas, rosários, medalhas, e mesmo postais do Monte Santo -, são encontrados apenas nos períodos das romarias, em barracas montadas por comerciantes, principalmente da cidade de Feira de Santana, acostumados a instalar as barracas em festas religiosas em várias partes do Brasil, conforme o testemunho desses barraqueiros.

Contrariando o destino de turismo religioso de Monte Santo, o maior investimento, feito pela Prefeitura, se destina à montagem de toda a estrutura de espetáculo, - como palcos, camarotes e diversas barracas de bebidas -, que são instalados para a festa profana que ocorre a noite na Praça de Eventos (Fig. 7).



Fig. 7 – Multidão na festa profana com a apresentação de artistas nacionais

Foto: montesanto.net, out. 2012.

Nessa romaria, considerada a principal comemoração religiosa, a Prefeitura vem oferecendo, atualmente, uma festa com estrutura igual a dos festejos leigos, comuns em várias cidades baianas e brasileiras, com apresentação de artistas conhecidos nacionalmente, revelados pela mídia, sendo este o evento que recebe o maior investimento público anual na cidade.

Considerações finais

O que se verifica em Monte Santo é a continuação da tradição vinda desde a época dos descobrimentos. O lugar se tornou íntimo, cheio de valor e tradição construído por Frei Apolônio e que serve de atração para o visitante que busca uma sacralidade que satisfaça seus anseios espirituais baseados na fé. As tradições locais, assim, foram sempre mantidas com a preservação de anseios juntamente com a fé.

Em contraposição, o poder público representado pela Prefeitura, vem enfatizando e fortalecendo a vertente profana na cidade, - com a contratação de artistas nacionais de sucesso no mesmo período da principal romaria -, provocando, fortemente o enfraquecimento das tradições e, em consequência comprometendo, de forma negativa, a cultura local. Os investimentos financeiros feitos em festas desse segmento nos últimos anos evidenciam a desatenção, senão desprezo, aos aspectos culturais locais.

A religiosidade vem sendo utilizada apenas como pretexto para a promoção da comemoração profana, voltada para uma nova parcela específica de público, os visitantes. A maior parte dos romeiros fiéis não participa dos espetáculos profanos, montados na “praça de eventos”, local que na festa do dia 31 de outubro, véspera de Todos os Santos, se transforma na atualidade num lugar do espetáculo profano em detrimento do religioso tradicional, dirigido ao Santuário da Santa Cruz.

Em Monte Santo, mesmo diante de tantos problemas, os romeiros continuam fazendo promessas aos santos, buscando uma relação direta com o sagrado. O pagamento das promessas é o cumprimento do “acordo” feito entre o fiel e o santo. Em Monte Santo, subir de joelhos, carregar uma cruz, se vestir de branco e oferecer ex-votos, entre outras formas, representam a demonstração de agradecimento pela graça recebida, que ainda perdurará por muitos anos.

Referências

- BAHIA. IPAC. Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia**. Salvador: Governo do Estado da Bahia. Salvador, 1999. v. 6.
- BRASIL. IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário nacional de bens móveis e integrados da Bahia**. Salvador: IPHAN, 1995, v. 34.
- CASTRO, Jânio Roque Barros de. A topografia do sagrado e a natureza mística das cidades-santuários: uma leitura a partir da cidade de Bom Jesus da Lapa – Ba. **Espaço e Cultura**. UERJ, Rio de Janeiro, n° 24, p. 33-43, jul.-dez. 2008. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3572/2492>. Acesso em: 20 dez 2013.
- CORREA, Roberto Lobato. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1997. p. 279-318.
- CUNHA, Euclides. **Os sertões**. 27ed. Brasília/DF: Universidade de Brasília, 1963.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 3ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 2012.
- FERNANDES, Rubem Cesar. **Os cavaleiros do Bom Jesus**, uma introdução às religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Religiosidade e suas manifestações no espaço urbano de Salvador**. Salvador, 2014 (digit.).
- _____. O Concílio de Trento: as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia e a arte religiosa no Brasil. **Imagem Brasileira**, Belo Horizonte, v. 4, p. 13-20, 2009.
- GONÇALVES, Nuno da Silva. **Religião, padroado**. s.d. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve//content.php?printconceito=1197>. Acesso em 26 jul.-2014.
- REGNI, Pietro Vittoriano. **Os capuchinhos na Bahia: os capuchinhos italianos (1705-1892)**. Porto Alegre: Palloti, 1988. v. 2.
- ROSENDAHL, Zeny. **Primeiro a obrigação, depois a devoção: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

_____. Espaço, cultura e Religião: dimensões de análise. In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 187-224.

_____. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

SILVA, Cândido da Costa e. **Roteiro da vida e da morte**: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia. São Paulo: Ática, 1982.

SOUZA, Alcides Mafra de. (Coord.). **Guia dos bens tombados da Bahia**. Rio de Janeiro: Cultura e Expressão, 1993.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Astronomia. Disponível em:

www.cdcc.sc.usp.br/cda/sessao-astronomia/.../data-carnaval-08032003. Acesso em: set 2014.